

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Ana Claudia Rodrigues Russi, *Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá, Paraná - Brasil*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar e refletir as questões tratadas por Paulo Reglus Neves Freire sobre os saberes que ele considera necessário a educação. As idéias tratadas pelo autor trazem questões que permeiam constantemente o dia a dia do professor. Além disso Freire apresenta os elementos que constituem a Pedagogia da Autonomia.

ABSTRACT

This paper aims to report and reflect the issues addressed by Paulo Freire Reglus Neves on the knowledge that he considers necessary education. The ideas addressed by the author constantly bring in issues that pervade the daily lives of teachers. Moreover Freire presents the elements that constitute the Pedagogy of Autonomy.

RESUMEN

Este documento pretende informar y reflejar los asuntos abordados por Paulo Freire Neves Reglus en el conocimiento que él considera que la educación es necesario. Las ideas abordadas por el autor sacan constantemente en temas que impregnan la vida cotidiana de los maestros. Además Freire presenta los elementos que constituyen la Pedagogía de la autonomía.

O autor desta obra, Paulo Freire (1921-1997), foi um célebre educador brasileiro, autor da pedagogia do oprimido, acredita que o objetivo da escola é ensinar ao aluno a ler o mundo para poder transformá-lo.

As idéias retomadas nesta obra por Paulo Freire trazem questões que permeiam o dia a dia do professor. Além disso, apresenta os elementos que constituem a pedagogia da autonomia num momento de desvalorização do trabalho do professor. O autor problematiza que a prática pedagógica pode ter alegria sem perder o rigor e a seriedade e considera saberes indispensáveis a educadores críticos e progressistas.

No primeiro capítulo Freire enfatiza as exigências do ensino e a relação entre docência e discência. Sublinha que é indispensável a um educador saber que ensinar não é transferir conhecimento e sim criar possibilidades para sua construção, pois, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Essa capacidade de aprender instiga incessantemente a curiosidade pelo conhecimento. A curiosidade é parte integrante do fenômeno vital, ela é histórica e socialmente construída e deve levar da ingenuidade a criticidade. Dessa forma, historicamente os homens compreenderam que isso é o que move a humanidade a não retroceder.

Ensinar e aprender lida com dois momentos, segundo Freire, um em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e outro em que é trabalhado a produção de conhecimento ainda não existente. É necessário conhecer o conhecimento existente, e mais necessário ainda é saber que estamos aptos a construir novos conhecimentos.

O professor no processo de ensinar deve ter respeito ao senso comum no processo de sua superação e a capacidade criadora do educando. Isto é o que implica o pensar certo, citado por Freire, do professor. O professor deve utilizar o saber do senso comum do educando para relacioná-lo com os conteúdos da aula e problematizar questões referentes à realidade concreta é condicionante da vida de todos em todos os âmbitos.

Freire acentuou que o professor que trabalha os conteúdos no quadro do pensar certo, nega a fórmula do “faça o que eu mando e não o que eu faço”. O professor deve ser coerente em relação ao que diz e ao que faz. Não pode simplesmente ter um discurso em prol da classe trabalhadora hoje e amanhã defender o neoliberalismo. O pensar certo do professor defendido pelo autor rejeita qualquer forma de discriminação já que está ofende a subjetividade do homem e a democracia.

O pensar certo é desafiar o educando a compreender e criticar o que vem sendo ensinado/comunicado a ele. É um diálogo. O pensar certo de Paulo Freire não vem nas cartilhas prontas e escritas para o professor pelo governo, é produzido pelo professor em conjunto com o aluno. Porém, as questões objetivas podem interferir nesse processo. Questões objetivas essas que são determinadas pelo modo de organização da sociedade e que determinam a vida das pessoas. Por exemplo, um aluno desafortunado, que muitas vezes vai a escola sem se alimentar, cujos pais trabalham o dia todo e que tem pouca ou nenhuma condição pode encontrar nesses determinantes um fator dificultante do processo de construção do pensar certo de Paulo Freire.

O autor coloca que a prática educativa-crítica que defende deve proporcionar que os alunos e professores se assumam como ser social e histórico, pensante, transformador e criador.

Porém, assumir-se nem sempre quer dizer que virá uma prática coerente a isso. Saber que fumar faz mal não me leva necessariamente a parar de fumar, não leva a uma transformação.

O autor crítica o caráter essencial da escola em transmitir exclusivamente os conteúdos e de não associar a realidade concreta e as experiências informais dos alunos nas ruas, em casa e nas praças que são cheios de significação. O autor ao se deparar com escolas desprovidas de condições materiais confessa ficar confuso e se perguntar: “como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, à mesa, às paredes se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública?”.

A raiz da questão, da falta de consideração do Poder Público está na sociedade capitalista, onde dinheiro público que deveria ir para instituições públicas migram misteriosamente para instituições privadas. A sociedade capitalista é baseada na exploração do trabalho e ganho incessante de lucro, então investir na formação humana plena das pessoas não é prioridade.

No capítulo segundo o autor ressalta mais uma vez a importância do pensar certo e de o professor saber que ensinar não é transferir conhecimento e sim criar as possibilidades para sua construção, e inicia comentando sobre o inacabamento humano. Enquanto houver vida o ser humano nunca será um ser acabado. O homem vem se fazendo desde sua existência e cada vez mais o homem aumenta sua capacidade de inteligibilidade e comunicação com os outros homens. O homem é o único ser consciente de seu inacabamento.

Esse inacabamento do homem o inclui em um incessante processo de busca que caracteriza a curiosidade mencionada pelo autor no primeiro capítulo. Aquele professor que enfatiza a mecânica da memorização tira a liberdade do aluno, então, em vez de formar domestica. Freire coloca que não é possível o homem estar no fundo sem ser feito dele e de sua história. Essa inconclusão do ser é o que funda a educação como processo permanente.

O autor enfatiza, desde o primeiro capítulo, a vigilância que preserva consigo mesmo em relação aos pressupostos nos quais se baseia e ressalta a importância de ser vigilante diariamente na sua prática. Apenas com vigilância é que se consegue respeitar sempre a autonomia do educando.

O autor ressaltou bastante até agora a construção do conhecimento por parte dos alunos, porém, também ressaltou que para que haja construção de conhecimento são necessárias condições favoráveis, como condições higiênicas, espaciais e estéticas.

Construir conhecimento com alunos de uma escola particular, que tem condições de vida sofisticadas é diferente de construir conhecimento com um aluno de uma escola pública na periferia da cidade. Isso acontece porque a capacidade desses alunos se distancia na medida em que as questões objetivas que condicionam sua vida são diferentes a cada um.

Certamente o aluno que estuda em uma escola particular de mensalidade caríssima estuda em período integral e aprende desde pequeno falar várias línguas, praticar diferentes esportes, conhecer diversos autores clássicos, etc. Já o aluno de escola pública certamente mal conseguiu aprender o inglês, os livros do governo certamente já estão em más condições e a quadra se encontra péssima para prática de esportes, ou seja, esse é o espelho

da queda de qualidade da educação pública. Portanto, construir conhecimento depende de certos determinantes e não é algo que se faz a qualquer condição.

Freire acredita que ensinar exige apreensão da realidade na qual o professor deve expor sua postura respeitando o direito do aluno em rejeita - lá. O que não se pode negar é que a realidade não é dada, ela é construída histórica e socialmente pelos próprios homens, então a apreensão da realidade deve se basear nisto. Então, apreender a realidade não é a única coisa que deve ser feita, os alunos devem constatar que somos seres humanos capazes de intervir na realidade e não apenas adaptar-se a ela. Portanto, ninguém pode estar no mundo de forma neutra.

Não importa se o professor irá trabalhar com adultos ou crianças, o importante é partir do saber fundamental de que mudar é difícil mais não impossível. Freire coloca que se deve a todo o momento desvelar as contradições seja em qual nível de ensino se esteja trabalhando e também utilizar e instigar a curiosidade dos alunos, pois, é ela que faz perguntar, conhecer e atuar. A instigação da curiosidade é o que levará o aluno a promoção da curiosidade espontânea a curiosidade epistemológica.

No capítulo terceiro o autor começa falando sobre a relação de autoridade e liberdade. O professor não necessita a cada instante falar de sua autoridade, deve ter segurança dela, que significa exercer sua autoridade com sabedoria. A autoridade que tira toda liberdade do educando inibe a criatividade e o seu gosto por aventurar-se. A autoridade democrática defendida pelo autor aposta na liberdade e pretende desafiá-la e instigá-la.

O autor coloca que a educação é uma forma de intervenção no mundo, seja reproduzindo as idéias dominantes ou entrando em desacordo a elas. O professor deve estar capacitado a ensinar os conteúdos de sua disciplina mais não deve se reduzir a eles. Os alunos devem saber dessa função da escola e saber que tem a liberdade de se rebelar, se indignar e sentir-se irados.

Freire retorna a questão da liberdade da qual vem falando desde o início do texto. Ressalta que a liberdade não é algo sem limites, pois, a medida que extrapola os limites agride a liberdade do outro. A liberdade é o que constrói a autonomia do ser, pois, livre pode decidir por si só e arcar com as conseqüências o que não impede que outros sem agredir sua liberdade dêem suas opiniões. O professor deve assegurar o respeito na relação entre a autoridade e a liberdade.

Freire coloca que é impossível a educação ser neutra, a educação é política, e não por causa de um ou outro professor, pois, ela sempre pende para um lado ou para o outro. Ainda afirma que para a educação ser neutra seria preciso que não houvesse discordância nas relações sociais, econômicas e políticas entre os homens. A educação não irá apenas reproduzir a ordem dominante e nem liderar a revolução, mais pode ter parte nisso.

Portanto, o aluno não irá apenas ouvir o que o professor diz, segundo o autor, isso seria uma auto-anulação. O aluno deve exercer seu direito de discordar, criticar e se posicionar.

Por fim, nesse trabalho, Paulo Freire, mostra constantemente seu ardor em defender os direitos dos professores, alunos, dos seres humanos, contra a política neoliberalista, mercadológica, desumanizada, reacionária, etc. Demonstra sua preocupação como

professor em sempre ser coerente na prática com sua na teoria. Alertou muito sobre os limites da autoridade e liberdade na relação professor aluno. Afirmou várias vezes que o respeito, o carinho, amor, amizade, etc., são quesitos primordiais para um professor ao ensinar, e para um aluno ao aprender. Alertou também sobre a função político-pedagógica do professor, função essa que deve alertar e desmistificar a, porém, nunca deve impor aos alunos nenhuma ideologia.

Paulo Freire condena a educação oferecida na maioria das escolas, que ele chamou de educação bancária, onde o professor deposita conhecimento num aluno receptivo e dócil. Ele denomina essa escola como alienante. Paulo Freire acreditava que a educação da escola poderia mudar o mundo, porém, a simples conscientização das pessoas sobre as mazelas da sociedade capitalista que tornam o homem cada vez mais desumano não é o bastante para mudar o mundo. A consciência que poderá mudar o mundo é a consciência revolucionária que se organiza para tal.